

Nacionalismo, revolução e pós-colonialismo: o caso *Mayombe*, de Pepetela

José Luís Giovanoni Fornos*

UFRGS



O romance *Mayombe*,¹ do escritor angolano Pepetela,² reflete um momento específico da história política de Angola. A narrativa gira em torno de um líder guerrilheiro, o comandante Sem Medo que, “qual um Ogum ou Prometeu africano”, conduz o trabalho em meio a grandes dificuldades. Entre os desafios da liderança está o tribalismo, o racismo, o sexismo, o oportunismo, agravados pela

* Doutor em Teoria da Literatura pela PUCRS. Professor do Departamento de Letras e Artes da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Pesquisador do Centro de Estudos de Culturas de Língua Portuguesa da PUCRS.

1 Historicamente, a crítica constante às imagens positivas dos heróis revolucionários compromete a possibilidade de publicação da obra. No entanto, graças ao apoio do Presidente do País e poeta Agostinho Neto, Pepetela recebe a autorização para que seu livro seja impresso e publicado, ainda que denuncie as distorções do grupo de poder o qual autor participa como militante político.

2 Petelela é uma palavra de origem umbundo que traduz o sobrenome Pestana do autor que chama Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. Pepetela nasce em Benguela (Angola), em 29 de outubro de 1941. Em 1958, parte para Lisboa para estudos. Com o início da luta armada em seu país em 1961, exila-se na França, ficando algum tempo na Argélia, formando, ali em sociologia. No final dos anos 60, foi integrado, como Secretário Permanente de Educação, na Frente de Cabinda de Guerrilha. Em 1972, passa para a Frente Leste. Em 1973, torna-se Secretário Permanente do Departamento de Educação e Cultura. Participa da primeira delegação do MPLA em Luanda em 1974. Em 1975, é escolhido para dirigir o Departamento de Orientação Política, em seguida integra o Estado Maior da Frente Centro. Entre 1975 e 1982, é vice-ministro da Educação. Mais tarde, deixa de desempenhar cargos políticos, tornando-se docente da Universidade de Angola (Sociologia), além de ter pertencido à Comissão Diretiva da União dos Escritores Angolanos (UEA). Dentre sua produção literária, destacam-se os seguintes livros: *Muana puó* (1978), *Mayombe* (1980), *As aventuras de Ngunga* (1977), *Yaka* (1984), *Lueji* (1989), *A geração da utopia* (1992), *A gloriosa família: o tempo dos flamengos* (1999), etc.

corrupção interna do movimento que dirige. Tais questões põem em dúvida, a todo instante, o triunfo da revolução em armas, a libertação nacional e a luta pelo socialismo.

A narrativa remete a um fato histórico exemplar: uma “guerra de guerrilhas” na década de 60 desencadeada por diferentes movimentos de libertação nacional contra o regime colonialista português. Este fato se estenderá até 1974, data em que Portugal, vivendo sob novo influxo político, volta-se para o desafio da descolonização na África.

A guerra em Angola prende-se, no âmbito geopolítico internacional, às duas potências do período que condicionam as opções e estratégias adotadas pelos três principais movimentos de libertação nacional. EUA e URSS colaboram no fortalecimento material e ideológico das identidades de cada um desses grupos. Oficialmente, a independência de Angola ocorre em 11 de novembro de 1975. A data concretiza definitivamente o fim do regime colonial. Portugal é a última nação europeia a abandonar suas colônias na África.

Todavia, *Mayombe* se detém em registrar fundamentalmente o funcionamento dos movimentos de libertação, mostrando as dificuldades enfrentadas pelos mesmos. Opta, particularmente, por descrever um grupo cujo pressuposto ideológico é a bandeira do marxismo-leninismo, fato que o vincula historicamente ao MPLA – Movimento Popular pela Libertação de Angola –, organismo político do qual fizera parte Pepetela. Segundo depoimento do escritor, a criação de *Mayombe* surge de um comunicado de guerra que lhe cabia escrever para os membros daquele agrupamento político. De acordo com o autor:

Mayombe é um livro que foi feito sem projeto. Esse livro apareceu dum comunicado de guerra. Nós fizemos uma operação militar e eu era o responsável por mandar informações, redigir o comunicado, como tinha passado a operação e enviar depois para o nosso departamento de informação, que veiculava no rádio, no jornal. Eu escrevi aquela operação com que o livro começa e que é real. Acabei de escrever o comunicado, uma coisa objetiva, assim fria. E não foi nada disso que se passou. E continuei o comunicado, tirei a primeira parte e mandei pra eles, no departamento de informações e continuei. Saiu um livro sem saber quem era o personagem sem Medo.³

Além da história política do período e da biografia do escritor, outro fator dá um alcance dramático à narrativa. São as reflexões

³ Entrevista publicada na *Revista Ponto e Vírgula*, n. 40, nov.-dez. 2000. Publicação da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

em torno do tribalismo que, em distintos episódios, sobrepondo-se ao nacionalismo, recebe distinta valoração conforme a personagem. Pepetela aborda um aspecto central que demarca as dificuldades de consolidação da unidade nacional e a condução do país após a independência.

O tribalismo afeta profundamente os ideais propostos pelo MPLA que giram em torno de um projeto nacionalista, multirracial e cultural, seguindo igualmente uma plataforma em torno do socialismo, irradiada pelo paradigma cubano.⁴ O tribalismo, assim como o racismo, põe em xeque os projetos almejados. Em recente depoimento, o escritor reafirma que “o tribalismo era realmente muito forte particularmente porque se fazia uma guerra naquele momento em uma região em que a população apoiava muito pouco a guerrilha”.⁵

O marxismo-leninista como narrativa de libertação é igualmente problematizado quando posto em confronto com a prática, a ética e a identidade dos combatentes. Embora seja reconhecido pela personagem principal como ideologia política essencial na construção de uma sociedade justa, igualitária e fraterna, a prática-teórica do movimento é desafiada, pois não reconhece o jogo ininterrupto das diferenças, condicionando-as às categorias do nacional e do centralismo democrático do partido revolucionário. Dentre as reflexões que problematizam o maniqueísmo identitário e político está a da personagem cujo pseudônimo adotado é Teoria:

nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa

⁴ Segundo Fredric Jameson, a “experiência cubana revelou-se original, como um novo modelo revolucionário a ser radicalmente diferente de formas mais tradicionais de prática revolucionária. A teoria do foco afirmou-se tanto contra a experiência leninista mais tradicional da prática partidária como contra a experiência da revolução chinesa e seu primeiro essencial estágio da conquista do poder. O foco, ou operação de guerrilha, é conceituado como não pertencente nem ao campo, nem à cidade”. Geograficamente, situa-se na zona rural, porém não se localizando absolutamente nas áreas camponesas cultivadas, mas sim num “terceiro lugar” ou “não-lugar que é selvagem”, esclarece Jameson (JAMESON, F. *Periodizando os anos 60*. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pós-Modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 115-116). Em nosso entendimento, a floresta do Mayombe corresponde a esse terceiro lugar, semelhante à Sierra Maestra cubana. No entanto, ele pode igualmente ser traduzido em direção a outras possibilidades.

⁵ *Revista Ponto e Vírgula*, n. 40, nov.-dez. 2000, publicação da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros; o mundo é geralmente maniqueísta (p. 06-07).

Em outra passagem, o guerrilheiro Muatiânvia igualmente destaca os conflitos existentes entre os diferentes grupos, desafiando os fenômenos étnico e nacional como categorias centrais na constituição da identidade pessoal:

Onde eu nasci, havia homens de todas as línguas vivendo nas casas comuns e miseráveis da Companhia. Onde eu cresci, no Bairro Benfica, em Benguela, havia homens de todas as línguas, sofrendo as mesmas amarguras. O primeiro bando a que pertenci tinha mesmo meninos brancos, e tinha miúdos nascidos de pai umbundo, tchokue, kimbundo, fiote, kuanhama. As mulheres que amei eram de todas as tribos. Todas eram belas e sabiam fazer amor, melhor umas que outras, é certo. Qual a diferença entre a mulher que esconde a face com um véu ou a que a deforma com escarificações. Querem hoje que eu seja tribalista! De que tribo?, pergunto eu. De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? Não falo eu o swahili, não aprendi eu o hauss com um nigeriano? Qual a minha língua, eu, que não dizia uma frase sem empregar línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para deles ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa? Eu sou o que é posto de lado, porque não seguiu o sangue da mãe kimbundo ou o sangue do pai umbundo. Eu, Muatiânvia, de nome de rei, eu que escolhi a minha rota no meio dos caminhos do Mundo, eu ladrão, marinheiro, contrabandista, guerrilheiro, sempre à margem de tudo, eu não preciso de me apoiar numa tribo para sentir minha força (p. 132-134).

Distintas formações prático-discursivas mapeiam os acontecimentos narrativos em *Mayombe*. A escala hierárquica dessas formações na arquitetura narrativa advém do ponto de vista adotado pelas personagens que possibilita ao leitor a escolha e valorização do discurso enunciado. O marxismo-leninista, o tribalismo, o nacionalismo e a mestiçagem estão configurados em cada personagem, asentando-se de forma conflituosa, geradora inevitavelmente de um antagonismo identitário encenado dramaticamente.

Juntam-se ainda a essa polifonia político-discursiva a presença da voz feminina e da natureza que exercem uma função importante

na formação identitária africana.⁶ A personagem Ondina é a provocação feminista no interior do grupo de guerrilheiros. Armados para lutar contra o inimigo colonizador, algumas das personagens masculinas armam-se também para competir no plano do amor e da sexualidade com os parceiros de combate, exigindo, por exemplo, fidelidade da companheira Ondina, não tolerando que essa se ocupe livremente de seu corpo. Em suma, a doutrina do partido revolucionário entra em colisão com os prazeres e as experiências da sexualidade e do amor.

Outro espaço discursivo problematizado é a floresta do Mayombe, lugar genuíno que se torna vital para sobrevivência do homem africano devido aos recursos mágicos, simbólicos e materiais. Mayombe significa território da ambigüidade, indicando proteção, isolamento e medo. Também a floresta se revolta quando o homem violenta seu corpo mágico em nome do progresso discriminatório que aumenta as diferenças econômicas e sociais. Nessa perspectiva, *Mayombe* transforma-se em alegoria crítica contra o produtivismo econômico desenfreado, estabelecendo-se como a grande narrativa da diferença que limita a permanência do homem na terra.

Postos em cena tais discursos, acabam por despertar conflitos que, a todo instante, obrigam a liderança do movimento a uma espécie de conciliação das diferenças, traduzida na busca de um ideal superior. O desafio do comandante é fazer com que os interesses particulares e as diferenças não constriam o propósito primeiro e último da luta: a independência nacional e socialismo. O líder revolucionário teme, a todo instante, que o grupo se transforme numa fragmentação fatricida.

Todavia, é preciso ser justo com a personagem. No contexto histórico e narrativo, o autoritarismo colonial justifica as opções de Sem Medo que, por sua vez, procura pôr em prática um socialismo crítico, reconhecendo a complexidade das relações humanas e a multiculturalidade de seus combatentes. Porém, toma o socialismo como narrativa ideológica singular na construção de uma nacionalidade fraterna e igualitária, desejando alargar suas fronteiras rumo a um internacionalismo solidário entre os distintos povos e identidades. O conhecimento da realidade local e a ambição de uma narrativa universal fazem da personagem um sujeito que não acredita em soluções simplificadas e autoritárias. Daí seu perfil adequar-se ao que Gramsci

⁶ Em *Mayombe*, percebe-se a valorização e problematização das culturas e modos de vida ancestrais (tribais, clânicos), com o culto dos antepassados, o animismo e a respectiva animização retórica da natureza, o pan-sexualismo vitalista, bem como a relação entre o mundo rural e a natureza. Nesse sentido, a ambigüidade perpassa a metáfora da floresta que empresta o nome ao livro.

defendia como princípio e método do revolucionário socialista: “pesimismo do intelecto, otimismo da vontade”, encontrando, igualmente, na categoria do nacional-popular a expressão utópica a realizar-se.

A fragilização histórica do ideal comunista não anula os propósitos originais e estruturais que estão na raiz das ações e do pensamento de Sem Medo. Marcada por uma conduta ética auto-reflexiva permanente, a personagem sinaliza, em última instância, para o socialismo, embora esteja sempre inclinada a compreender e valorizar as diferenças, em especial a de gênero. Nesse sentido, o hibridismo, como entende e defende Homi Bhabha, não atende ao perfil daquela liderança, já que Sem Medo crê na síntese dialética das confluências político-materiais.

No contexto narrativo, Sem Medo não dá trégua ao domínio colonial e a exploração econômica de classe. No entanto, sua figura personifica o desejo de abertura de um caminho que Boaventura de Sousa Santos denomina de “hermenêutica diatópica” que pressupõe a aceitação do seguinte imperativo transcultural: “temos o direito a ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”.⁷ O sociólogo português chama tal dialética de “cosmopolitismo multicultural”.

Ao apostar num “cosmopolitismo multicultural”, o estudioso fala de um outro tempo histórico, distinto daquele que aparece em *Mayombe* em que o imperativo do colonialismo obriga a defesa do território nacional, somando-se ao condicionamento da polarização ideológica já mencionada. Nesse sentido, o romance de Pepetela aponta para um nacionalismo como empreendimento necessário em sua função de aglutinar o país, expulsando o invasor que lhe dirige diretamente as instituições.⁸ A coordenação ideológica desse proje-

⁷ SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. In: _____. (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁸ Para o indiano Aijaz Ahmad, “os fatos requerem explicação, e todas as explicações, até as más, pressupõem uma configuração de conceitos, que provisoriamente chamamos de ‘teoria’. Dito de outro modo, a teoria não é simplesmente uma relação desejável, mas necessária entre os fatos e suas explicações”. Nesse sentido, destaca o autor, que “o nacionalismo anticolonial foi uma tremenda força histórica até mais ou menos a metade do decênio de 1970, é um fato. Que essa força tenha declinado drasticamente nos anos seguintes também é um fato. Também é um fato a derrota dos movimentos revolucionários que procuraram substituir as sociedades coloniais por sociedades socialistas, também é um fato a assimilação do nacionalismo da burguesia nacional na estrutura imperialista globalmente abrangente. Também é um fato que um tipo muito desigual de guerra entre o imperialismo e o socialismo tenha sido travada em muitos lugares ao longo da maior parte do século XX, e que essa guerra foi vencida pelo imperialismo, para o restante do século pelo menos. Não é possível colocar questões sobre colônia e império, e sobre suas representações nos produtos culturais, sem possuir uma teoria de tais fatos.” (AHMAD, Aijaz. *Linhas do presente*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 43).

to seguiria o referencial socialista. O tribalismo, para esse ideal, aparece como um risco à organização interna.

Escrito na década de 70, publicado em 1980, estaria, hoje, *Mayombe* inadequado como metáfora das possibilidades humanas rumo ao ideal que problematiza, considerando que o universo central de sua crítica é o domínio colonial e as fragilidades para combatê-lo?

Num contexto pós-colonial, as estratégias de libertação empregadas em *Mayombe* já não possuem valor operacional nas sociedades descolonizadas.⁹ As transformações das relações materiais e políticas em âmbito mundial exigem formas renovadas da luta cultural e política. No romance constam questões – as políticas das alteridades e da desigualdade material – que devem ser continuamente respondidas a fim de se buscar justiça culturais e materiais. Como enfim eliminar a desigualdade e o preconceito sociais problematizados em *Mayombe*? Uma das repostas consistente é a do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos. Trata-se de buscar uma “solidariedade transnacional entre grupos explorados, oprimidos ou excluídos pela globalização hegemônica”. Segundo o autor, compõe-se de um “conjunto muito vasto e heterogêneo de iniciativas, movimentos e organizações que partilham a luta contra a exclusão e a discriminação sociais e a destruição ambiental”. As atividades cosmopolistas, segundo Boaventura, incluem:

diálogos e articulações Sul-Sul; novas formas de intercâmbio operário; redes transnacionais de lutas ecológicas, pelos direitos da mulher, pelos direitos dos povos indígenas, pelos direitos humanos em geral, solidariedade anti-capitalista entre o Norte-Sul; organizações de desenvolvimento alternativo e em luta contra o regime hegemônico de propriedade intelectual que desqualifica os saberes tradicionais e destrói a biodiversidade (p. 436).

⁹ Stuart Hall faz importantes observações interrogativas acerca do uso da expressão pós-colonial. O “que deveria ser incluído e excluído dos seus limites? Onde se encontra a fronteira individual que o separa de seus outros (o colonialismo, o neocolonialismo, o Terceiro Mundo, o Imperialismo) e em cujos limites ele se define incessantemente, sem superá-los em definitivo?”. Tais questionamentos levam o autor a pensar o Pós-colonialismo como conceito fundamental para auxiliar a “descrever ou caracterizar a mudança nas relações globais, que marca a transição da era dos Impérios para o momento da pós-independência ou da pós-colonização.” Pode ser útil, segundo o autor, na identificação do que são as novas relações e disposições do poder que emergem nesta nova conjuntura. Stuart Hall destaca igualmente que uma das contribuições principais do termo pós-colonial foi dirigir a atenção para o fato de que a colonização nunca foi algo externo às sociedades das metrópoles imperiais, estando sempre inscritas nelas da mesma forma como se tornou indelevelmente inscrita nas culturas dos colonizados (HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 101).

As interrogações de Pepetela frente ao colonialismo autoritário português e ao centralismo de práticas revolucionárias encontram respostas nas formulações de Boaventura de Sousa Santos. O sociólogo português defende uma globalização solidária empenhada nos sujeitos subalternos do terceiro mundo.

Embora já não estejam presos diretamente ao colonialismo, os agenciamentos subalternos devem buscar estratégias culturais e políticas de reconhecimento e de transformação social contra a dominação de países centrais, assim como enfrentar as burocracias culturais hegemônicas e as elites econômicas de seus territórios que regulam o mercado.

Na concepção de Stuart Hall, essas estratégias devem ser capazes de fazer a diferença com o objetivo de “deslocar as disposições do poder”. Ainda que reconheça os riscos de cooptação mercadológica e espetacularização midiática, Hall reconhece na cultura popular, e popular negra, através de suas experiências, prazeres e memória, o repertório crítico para destronar o que chama de “pós-modernismo global hegemônico”.

O estudioso anglo-jamaicano contrapõe-se ao que chama de “momento essencializante” das políticas da alteridade conservadoras que naturaliza e des-historiciza a diferença identitária, confundindo o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. Na sua concepção multicultural, Hall defende a proposição de que não existem formas puras na cultura popular, recorrendo ao dialogismo e à carnavalização bakhtiniana como metáforas da transformação social. Segundo Hall, “onde, na visão clássica, os termos da dialética fundamentam a complexa substituição das distintas forças sociais, fornecendo sua lógica governante, o dialógico enfatiza os termos variáveis do antagonismo, a intersecção das valências no mesmo terreno discursivo”. O dialógico expõe a ausência de garantia de uma “lógica ou lei para o jogo da significação em contraste com as posições dadas do antagonismo de classe, concebidas de forma clássica”.¹⁰

Para tanto, Hall defende que todas as formas populares são sempre o “produto de sincronizações parciais, de engajamentos que atravessam fronteiras culturais, de confluências de mais de uma tradição cultural, de negociações entre posições dominantes e subalternas, de estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação”.¹¹ As estratégias subterrâneas para combater o colonialismo

¹⁰ HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 235.

¹¹ HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003, p. 343.

português foram expressas pelos atores africanos, num determinado período, através da “guerra de guerrilhas” e das manifestações culturais que denunciavam a violência e a repressão sobre o povo nativo. Passado esse período, novas práticas de recodificar e transcodificar o domínio cultural das potências centrais são necessárias.

Ainda que Pepetela reconheça o significado histórico do português como língua que dá unidade ao território, a luta da cultura popular é fundamental para o estabelecimento de um outro patamar no diálogo entre eu e o outro. Se o colonialismo autoritário português confinou às vozes populares a posições inferiorizadas e o partido revolucionário não alcançou a dimensão múltipla dessas mesmas vozes, como problematiza Pepetela em *Mayombe*, hoje o desafio parece maior pois apesar da sua multiplicidade aparentemente solicitada, ainda está distante o protagonismo da cultura popular¹² nas diferentes instituições. É preciso observar que, quando a cultura popular fala, na maioria das vezes, aparece como “ventriloquia das vozes de seus mestres”. Em oposição, faz-se necessário um “multiculturalismo emancipatório” que, enraizado numa polifonia de vozes sociais, construídas em pé de igualdade, lute por uma equação solidária no campo econômico e social.

Embora tenha priorizado tematicamente a questão nacional, o tribalismo, a revolução e o papel do partido como sujeito histórico, *Mayombe* já informava as dificuldades de uma sociedade que, livre do império colonialista opressor, depara-se com as diferenças étnicas e raciais, em meio aos interesses de classe e as interrogações do indivíduo. Sua lição histórica é a dimensão problematizadora que adquire, inquirindo sempre sobre o tenso diálogo envolvendo distintas posições definidas, as circunstâncias e os sonhos almejados. Nesse sentido, sua qualidade continua preservada, uma vez que tais dimensões cercam a história de grupos, indivíduos e sociedades.

¹² A cultura popular, para Hall, é constituída por tradições e práticas culturais populares e pela forma como estas se processam em tensão permanente com a cultura hegemônica. Nesse sentido, ela não se resume à tradição e ao folclore, nem ao que mais se consome ou vende; não se define por seu conteúdo, nem por qualquer espécie de “programa político popular” preexistente. Sua importância reside em ser um terreno de luta pelo poder, de consentimento e resistência populares, abarcando, assim, elementos da cultura de massa, da cultura tradicional e das práticas contemporâneas de produção e consumo culturais.

Referências

- AHMAD, Aijaz. *Linhagens do presente*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- JAMESON, Fredric. Periodizando os anos 60. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pós-Modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Ática, 1982.
- REVISTA PONTO E VÍRGULA. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura, n 40, nov.-dez. 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Por uma concepção multicultural dos direitos humanos. In: _____. (Org.). *Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.